

O QUE DIFERENTES ABORDAGENS DE MARCADORES DISCURSIVOS TÊM EM COMUM?

Eduardo Penhavel*

Resumo: Neste trabalho, procuramos identificar traços comuns a diferentes abordagens de Marcadores Discursivos (MDs) e, assim, delinear o que poderia ser considerado como uma noção essencial da classe dos MDs. Nesse sentido, defendemos que diversas abordagens compartilham a posição de tratar como MDs expressões linguísticas que *facilitam o processamento do discurso* e procuramos mostrar como essa noção manifesta-se em três abordagens específicas, a saber, Blakemore (1987, 2002), Fischer (2000, 2006b) e Risso, Silva & Urbano (2002, 2006). Conforme mostramos no trabalho, o conceito de *facilitar o processamento do discurso* incorpora dois aspectos principais: a ideia segundo a qual os MDs explicitam significados implícitos no discurso e a posição de tratar como MDs elementos com algum tipo de estatuto subsidiário.

Palavras-chave: Marcadores Discursivos. Partículas Discursivas. Conectivos.

Abstract: In this paper, we discuss what different approaches to Discourse Markers (DMs) have in common, in order to identify basic defining features that might be considered as a core notion of DMs. In this respect, we argue that several approaches share the notion of considering DMs as linguistic expressions that *facilitate discourse processing*, and we show how such a notion is addressed in three specific approaches, namely, Blakemore (1987, 2002), Fischer (2000, 2006b) and Risso, Silva & Urbano (2002, 2006). It is assumed that the notion of *facilitating discourse processing* includes two main ideas: first, DMs make explicit some meanings that are implicit in discourse, and secondly, DMs are items which have some kind of subsidiary status.

Keywords: Discourse Markers. Discourse Particles. Connectives.

Considerações iniciais

Os chamados “Marcadores Discursivos” (MDs, daqui em diante) tornaram-se, nas últimas décadas, objeto de investigação em diversos ramos dos estudos linguísticos. Atualmente, existe uma quantidade enorme de abordagens de MDs, as quais vêm produzindo definições e análises dos mais variados tipos. Trata-se de um cenário, por um lado, muito

* Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Viçosa (UFV), Campus de Rio Paranaíba, Minas Gerais, Brasil, eduardopenhavel@yahoo.com.br

positivo, uma vez que representa o desenvolvimento dos estudos sob um amplo conjunto de diferentes pontos de vista. Por outro lado, a diversidade de conceituações também dificulta, em certo sentido, o trabalho com MDs, principalmente pela ausência de um número significativo de trabalhos voltados para analisar e sistematizar diferenças e similaridades entre as várias concepções existentes. Esse tipo de olhar organizador tem se tornado cada vez mais imprescindível, como destacado por inúmeros pesquisadores. Conforme observa Fischer (2006a, p. 1), “há muitos estudos de partículas discursivas no mercado, e atualmente é quase impossível encontrar um rumo nessa selva de publicações. [...] É necessário algum tipo de visão geral que nos permita identificar direções de pesquisa, métodos e perspectivas diferentes” (tradução nossa).¹

A esse respeito, uma contribuição que nos parece relevante e esclarecedora é discutir o que diferentes abordagens de MDs teriam em comum, isto é, discutir se haveria, em abordagens diversas, traços comuns caracterizadores de MDs, e, assim, procurar identificar algo que pudesse ser considerado como uma noção essencial da classe dos MDs. Em trabalho anterior (PENHAVEL, 2010), observamos que diferentes abordagens compartilham a ideia de considerar como MDs elementos que *facilitam o processamento do discurso*. No presente trabalho, retomamos e especificamos essa observação, com o objetivo de mostrar que a noção de *facilitar o processamento do discurso* envolve dois aspectos principais: (i) a ideia de que os MDs explicitam significados implícitos no discurso; (ii) a posição de tratar MDs como elementos com algum tipo de estatuto subsidiário. Nesse sentido, selecionamos aqui três abordagens particulares, a saber, Blakemore (1987, 2002), Fischer (2000, 2006b) e Risso, Silva & Urbano (2002, 2006), que são representativas do atual espectro de abordagens de MDs, e procuramos demonstrar que, e como, o traço comum de *facilitar o processamento do discurso* (incluindo seus dois aspectos caracterizadores) está presente nessas três perspectivas.

Dessa forma, o presente trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: na próxima seção, apresentamos uma rápida classificação de tipos básicos de abordagens de MDs; na seção seguinte, apresentamos a noção de que os MDs *facilitam o processamento do discurso*, delineando os dois traços característicos dessa noção; após isso, analisamos, então, a presença dessa noção nas abordagens de Blakemore (1987, 2002), Fischer (2000, 2006b) e Risso, Silva & Urbano (2002, 2006); finalmente, apresentamos as considerações finais.

¹ Veja o original: There are very many studies of discourse particles on the market, and by now it is almost impossible to find one's way through this jungle of publications. [...] Some kind of overview is needed that allows us to sort out the different research directions, methods, and perspectives.

Tipos de abordagens de Marcadores Discursivos

Em trabalho anterior (PENHAVEL, 2010), demonstramos, com base em Fischer (2006a), que, no atual cenário dos estudos linguísticos, podem ser distinguidos três tipos gerais de abordagens de MDs, tendo em vista a natureza das expressões linguísticas analisadas como tal. O primeiro tipo compreende abordagens que tomam como MDs expressões afixadas a um enunciado matriz, que têm função de conexão e que se referem a um aspecto desse enunciado. Aí se incluem, por exemplo, trabalhos como os de Fraser (2006), Blakemore (1987, 2002), dentre outros. Os exemplos em (1) e (2) ilustram itens considerados como MDs por abordagens desse tipo.

- (1) Donna left late. *However*, she arrived on time (FRASER, 2006, p. 190).
Tradução: Donna saiu tarde. Porém, chegou a tempo (tradução nossa).
- (2) This flight takes 5 hours, *and* there's a stop-over in Paris (FRASER, 2006, p. 195).
Tradução: Este voo leva 5 horas, e há uma escala em Paris (tradução nossa).

Note-se que, por exemplo, o item *however*, em (1), conecta dois enunciados, fica afixado ao segundo enunciado e se refere a um aspecto desse enunciado, no caso, a seu significado semântico-pragmático, indicando, conforme o tratamento dado por Fraser (2006), que a intenção do falante é que tal enunciado seja interpretado como mantendo uma relação de contraste relativamente ao primeiro enunciado. Como se pode ver, esse primeiro tipo de abordagem inclui trabalhos que consideram como MDs itens de natureza conectiva.

A segunda modalidade de abordagem compreende aquelas que analisam como MDs expressões constituindo um enunciado completo, com função de gerenciamento da conversação e que se referem a domínios comunicativos. Dentre os representantes desse tipo de abordagem, podem ser citados os trabalhos de Fischer (2000, 2006), Frank-Job (2006) etc. Os itens destacados nos exemplos em (3) e (4) representam MDs para abordagens dessa modalidade.

- (3) *okay* Danny, now that this meeting's over, we need to schedule another one so we continue, to get our work done on this project (FISCHER, 2006, p. 434).

Tradução: okay Danny, agora que essa reunião terminou, nós precisamos agendar outra e então continuamos, para terminar nosso trabalho nesse projeto (tradução nossa).

- (4) Si yo, a mí eso me da igual ¿*me entiendes?* ... Era más o menos para saberlo tú (FRANK-JOB, 2006, p. 366).
Tradução: Bom, para mim tanto faz, entende? ... Era mais para que você soubesse disso (tradução nossa).

Em (3), por exemplo, de acordo com a perspectiva de análise de Fischer (2006b), o item *okay* funciona, em si próprio, como um enunciado completo e atua no gerenciamento da conversação, mais especificamente na negociação do tópico discursivo. Pode-se dizer, de modo geral, que esse segundo tipo de abordagem engloba trabalhos ligados, de uma forma ou de outra, à área da Análise da Conversação.

Finalmente, o terceiro tipo de abordagem abarca aquelas que consideram como MDs expressões dos dois tipos distinguidos acima, isto é, tanto expressões de natureza conectiva, quanto expressões mais diretamente ligadas ao gerenciamento da conversação. Essa terceira modalidade de abordagem inclui, por exemplo, trabalhos como o de Schiffrin (1987) e o de Risso, Silva & Urbano (2002, 2006). Tanto o item *então*, na ocorrência destacada em (5), quanto os itens *não é?* e *ahn ahn*, em (6), são tratados com MDs pela abordagem de Risso, Silva & Urbano. O item *então* é visto como tendo função conectiva, enquanto as outras duas expressões são tratadas como elementos fundamentalmente ligados ao gerenciamento da conversação.

- (5) mas acho válido você botar a criança o mais cedo possível na escola ... esse problema de puxar pela criança -- “Ah ... não deve puxar pela criança” -- eu acho que isso não funciona muito ... porque a criança vai a maternal somente pra brincar ... ser educada ... aprender a fazer coisas que em casa a mãe às vezes ... não tem condições de ensinar -- como eu ... eu não tinha condições de ensinar muita coisa a ela ... porque eu m/ passo o dia inteiro na rua trabalhando -- então ... ela na escola aprendeu muita coisa que eu não tive condições de ensinar a ela: ... aprendeu a comer não é ... sozinha porque eu ainda dava comida na boca ... aprendeu a fazer xixi dela no sanitário ... que ela não fazia ... fazia na fralda ... *então* ... eu acho válido botar a criança o mais cedo possível na escola (RISSO, 2006, p. 460).
- (6) A: agora em dois dias da semana ... eu levo à faculdade também ... *não é?*
[
B: *ahn ahn*
A: e:: depois volto para casa (URBANO, 2006, p. 500).

Conforme consideramos no trabalho mencionado acima (PENHAVEL, 2010), a distinção desses três tipos básicos de abordagem propicia uma visão geral bastante representativa do atual cenário de estudos sobre MDs. Essa tipologia permite situar as três abordagens particulares discutidas mais adiante em relação a outras abordagens e oferece alguns subsídios iniciais para a identificação de uma noção essencial de MDs, como discutimos na seção a seguir.

Noção essencial de Marcadores Discursivos

Ao identificarmos, neste trabalho, uma noção essencial de MDs, não pressupomos a existência de uma noção compartilhada por absolutamente todas as abordagens, nem mesmo uma noção aplicável a absolutamente todos os MDs de uma abordagem, tentativas certamente inviáveis dado o atual estado da arte dos estudos de MDs. O que consideramos possível e pertinente de ser apontado, e o que buscamos aqui, é algum traço consideravelmente recorrente em um número expressivo de abordagens diversas, reconhecendo a natural existência de abordagens excepcionais e de instâncias desviantes de MDs particulares. Apesar dessa “limitação”, acreditamos que o tipo de reflexão aqui esboçado, ainda assim, possa representar uma contribuição significativa para os estudos sobre MDs.

Tendo, então, em vista essa ressalva, é possível dizer, conforme adiantamos acima, que muitas abordagens diferentes parecem compartilhar a posição de considerar como MDs elementos que *facilitam o processamento do discurso*. Aqui, partindo de uma perspectiva sócio-cognitivista (KOCH, 2004), estamos considerando *processamento do discurso* como o conjunto de atividades linguístico-cognitivas efetuadas pelos interlocutores (falante/escritor e ouvinte/leitor) para (re)construir a significação contextual do discurso. A significação contextual engloba toda uma gama de diferentes tipos de significações decorrentes do contexto². Dentre estas, incluem-se a significação referente às relações de sentido entre os enunciados constituintes do texto e a significação referente ao envolvimento dos interlocutores com o ato de interação verbal. Assim, pode-se dizer que o *processamento do discurso*, dentre outras atividades, compreende (i) a elaboração cognitiva, por parte dos interlocutores, das relações de sentido entre os enunciados e (ii) a elaboração cognitiva, por

² Para uma análise do papel do contexto na produção de sentido textual, ver Koch (2003).

parte de cada interlocutor, de suas próprias impressões e das impressões do outro relativamente à condução da dinâmica interacional.

A nosso ver, os MDs, conforme concebidos por várias abordagens diferentes, atuam em relação a esses dois tipos de significações contextuais, isto é, significações contextuais relacionais e significações contextuais interacionais – mais especificamente, os MDs são entendidos como elementos que codificam esses dois tipos de significações contextuais. Assim, dizer que os MDs *facilitam o processamento do discurso* significa dizer, conforme concebemos aqui, que eles facilitam a elaboração cognitiva, por parte dos interlocutores, de significações contextuais relacionais e interacionais.

A concepção comum de que os MDs *facilitam o processamento do discurso* possui dois aspectos caracterizadores principais, intrinsecamente correlacionados. O primeiro aspecto envolve a noção de que os MDs *explicitam significações implícitas*. A significação contextual é uma significação de natureza implícita (senão em sua totalidade, pelo menos em grande parte). Assim, a elaboração dessa significação por parte dos interlocutores tende a demandar maior esforço de processamento cognitivo do que no caso da elaboração de significados explicitados por enunciados. Nesse sentido, ao codificar significados contextuais, os MDs explicitam esses significados, reduzindo – e, portanto, facilitando – o esforço total de processamento cognitivo dos interlocutores.

Os MDs conectores são bons exemplos de itens normalmente vistos como elementos que explicitam significações implícitas. Em geral, admite-se que, numa sequência como “José chegou atrasado, mas/logo/porque ele foi de ônibus”, seria possível identificar a interpretação adversativa, a conclusiva ou a causal (marcadas, respectivamente, pelos itens *mas*, *logo* e *porque*) mesmo sem o uso desses MDs conectores, unicamente pelo contexto em que a sequência estivesse inserida. No entanto, relações sequenciais de sentido são mantidas ao longo de todo o texto, entre partes de enunciados, entre enunciados, entre grupos de enunciados etc. Se todos os pontos de sequenciamento entre partes fossem desprovidos de MDs conectores, a indicação (pelo falante) e a depreensão (pelo ouvinte) dos sentidos nesses pontos dependeriam totalmente de implicações e interpretações contextuais, acarretando aos interlocutores demasiado esforço de processamento cognitivo. Nesse sentido, então, é que os MDs conectores teriam uma função de *facilitação*, pois seriam usados em alguns dos pontos de sequenciamento no decorrer de um texto, para, nesses pontos, explicitar os significados sequenciais e, assim, diminuir o esforço total de processamento cognitivo por parte dos interlocutores.

Em outras palavras, os falantes não usariam conectivos em todos os pontos de sequenciamento textual, pois isso seria desnecessário, mas também não deixariam a identificação de sentido de todos esses pontos unicamente por conta do contexto. Assim, os conectivos seriam usados mais ou menos frequentemente ao longo do texto para *facilitar* a indicação e a apreensão dos diferentes tipos de relações de sentido. E esse mesmo papel de facilitação se verifica no caso de MDs ligados ao gerenciamento da conversação, conforme procuramos mostrar na seção seguinte.

É importante salientar que a ideia de *facilitação* se aplica tanto do ponto de vista do ouvinte, quanto do ponto de vista do falante. No primeiro caso, essa ideia é mais perceptível e se refere à noção de que os MDs facilitam o trabalho do ouvinte de interpretar o texto. Sob a ótica do falante, os MDs podem ser vistos como itens *facilitadores* na medida em que o próprio falante precisa controlar, para si mesmo, o sentido do texto que está construindo e, principalmente, na medida em que o falante, em situações normais, precisa, como parte do processo cooperativo de construção textual, oferecer ao ouvinte indicações, sinalizações, pistas suficientes para a interpretação do texto, e, nesse sentido, os MDs facilitam o trabalho do falante de construção de um texto interpretável.

O segundo aspecto caracterizador da concepção geral de que os MDs *facilitam o processamento do discurso* refere-se à ideia de tomar como MDs expressões de *estatuto subsidiário*, isto é, expressões usadas a serviço de outros elementos que lhes são centrais.

Considere-se o exemplo hipotético em (7).

- (7) A: O que as crianças fizeram domingo à tarde?
B: O João leu um livro, a Maria assistiu a um filme. O Pedro jogou videogame a tarde toda.
A: Foi uma tarde normal.

Difícilmente alguma abordagem identificaria qualquer MD nesse excerto. Por outro lado, diversos elementos adicionais que poderiam ocorrer em (7), como mostrado em (8), seriam analisados como MDs por uma ou outra das abordagens existentes.

- (8) A: *Querida*, o que as crianças fizeram *ah...* domingo à tarde, *hein?*
B: *Bom*, o João leu um livro, *né?*, e a Maria assistiu a um filme. *Agora*, o Pedro, *infelizmente*, *parece que* jogou videogame a tarde toda.
A: *Ok*, *acho que* foi uma tarde, *assim*, normal.

Note-se que nenhum dos elementos destacados em (8) poderia ocorrer em um texto sem os respectivos segmentos ou sem os aspectos da situação de interação a que se referem. Por exemplo, elementos como *Bom*, em usos similares aos do início da fala de B, normalmente são vistos como introdutores de algum tipo de enunciado, em geral, uma resposta; um item como *e* comumente é tratado como pressupondo a conexão de dois segmentos ou a introdução de um; uma expressão como *infelizmente* costuma ser analisada como modificadora de algum aspecto do enunciado em que ocorre.

Os MDs, em geral, são tratados como elementos que se referem a alguma coisa que é central em relação a eles. Eles próprios normalmente não são vistos como o centro (de um aspecto) da comunicação verbal, mas como itens usados a serviço de outros elementos tomados como centrais. Ou seja, os MDs seriam itens secundários, subsidiários, marginais, no sentido de que atuariam às margens do discurso, apoiando, “calçando” o andamento do discurso.

Em outras palavras, pode-se dizer também que os itens estudados como MDs, em geral, são comunicativamente *não-autônomos*, isto é, não podem ser a única expressão verbal de uma situação de comunicação ou o único enunciado de um falante numa interação, devendo acompanhar, necessariamente, algum outro elemento. Por exemplo, enunciados como “Fogo!”, “Bom dia!”, “O jantar está servido.”, “Apague a luz ao sair da sala.” podem constituir sozinhos um texto, ou um enunciado desse tipo pode ser perfeitamente o único enunciado de um falante numa situação de interação. Porém o mesmo não acontece, por exemplo, com um Vocativo, que necessariamente acompanha outro enunciado, com um conectivo, que liga dois enunciados, ou com uma expressão interativa como *né?*, que inevitavelmente segue outro enunciado (ou uma parte de um enunciado), não ocorrendo, de forma alguma, isoladamente. A propriedade de não-autonomia comunicativa (presente na grande maioria das concepções de MDs) diz respeito, enfim, ao papel subsidiário de apontar para outro elemento, contribuindo, de alguma forma, para o processamento desse elemento.

Em síntese, a nosso ver, o que poderia ser identificado como uma concepção essencial de MDs, subjacente a diferentes abordagens, seria a noção de tratar MDs como expressões linguísticas com a função de *facilitar o processamento do discurso*, noção caracterizada pela ideia de que os MDs explicitam significações implícitas e constituem elementos subsidiários. Partindo, então, de tal concepção comum, cada abordagem particular parece selecionar um

aspecto específico do processamento do discurso e, então, definir como MDs aquelas expressões (ou parte das expressões) que facilitam esse tipo específico de processamento. Em outros termos, cada abordagem delimitaria uma modalidade específica de significado contextual e definiria os MDs como o conjunto (ou parte do conjunto) das expressões linguísticas que codificam essa modalidade específica de significado contextual.

Nas seções seguintes, discutimos as abordagens de Blakemore (1987, 2002), Fischer (2000, 2006b) e Riso, Silva & Urbano (2002, 2006), procurando mostrar que, e como, o traço essencial de *facilitar o processamento do discurso* se manifesta. Em particular, destacamos, para cada abordagem, a ideia de que os MDs explicitam significações implícitas, bem como a ideia de que constituem elementos subsidiários.

A abordagem de Blakemore

A abordagem de Blakemore (1987, 2002) é desenvolvida na área da Pragmática, especificamente no âmbito do quadro teórico-metodológico da Teoria da Relevância (SPERBER & WILSON, 1986). A Teoria da Relevância é uma teoria sobre o significado linguístico e o processo cognitivo de interpretação de enunciados. Um dos pontos centrais da teoria é a distinção de dois tipos de significados linguísticos: o *significado conceitual* e o *significado processual*. Essa distinção decorre da visão de que o processamento de enunciados envolve a construção de representações mentais que são submetidas a computações inferenciais. O significado conceitual refere-se a representações proposicionais, isto é, ao conteúdo proposicional dos enunciados; o significado processual refere-se a informações sobre as computações inferenciais, ou seja, informações sobre como manipular o significado conceitual dos enunciados. Para a Teoria da Relevância, cada elemento linguístico codifica ou significado conceitual ou significado processual.

Nesse contexto, os MDs são vistos como uma parte dos elementos linguísticos que codificam significado processual. Mais especificamente, os MDs são entendidos como itens cujo significado indica como um novo segmento informacional deve ser interpretado relativamente ao discurso precedente; ou seja, são itens que codificam significados processuais relacionais. Três tipos de significados processuais relacionais, e, assim, três tipos de MDs, são distinguidos:

- (i) MDs que indicam que um novo segmento informacional constitui uma implicação contextual;
- (ii) MDs que indicam que um novo segmento informacional reforça uma premissa existente;
- (iii) MDs que indicam que um novo segmento informacional contradiz uma premissa existente e leva à sua eliminação.

Os itens destacados nos exemplos em (9), (10) e (11) ilustram esses três tipos de MDs, respectivamente.

- (9) (a) Ben can open Tom's safe. (b) *So*, he knows the combination (BLAKEMORE, 2002, p. 95).
Tradução: Ben pode abrir o cofre de Tom. Portanto, ele sabe a senha (tradução nossa).
- (10) (a) Ben can open Tom's safe. (b) *After all*, he knows the combination (BLAKEMORE, 2002, p. 95).
Tradução: Ben pode abrir o cofre de Tom. Afinal, ele sabe a senha (tradução nossa).
- (11) There's a pizza in the fridge, *but* leave some for tomorrow (BLAKEMORE, 2002, p. 95).
Tradução: Tem uma pizza na geladeira, mas deixe um pouco para amanhã (tradução nossa).

De acordo com a análise de Blakemore (2002), o item *so*, em (9), indica que a proposição expressa pelo segmento (b) deve ser interpretada como uma conclusão derivada em um processo inferencial que toma o segmento (a) como premissa e que acessa a premissa instaurada no contexto segundo a qual “Se Bem pode abrir o cofre de Tom, então ele sabe a senha”. Já o item *after all*, em (10), indica que a proposição expressa pelo segmento (b) deve ser interpretada como uma premissa que é base para a dedução expressa pelo segmento (a) e que reforça a premissa contextual de que “Se Bem sabe a senha, então ele pode abrir o cofre de Tom”. Por sua vez, o item *but*, em (11), indica que a proposição expressa pela segunda oração contradiz e elimina a premissa “Você pode comer toda a pizza da geladeira”, que seria instaurada no contexto com base na proposição expressa pela primeira oração.

Como se pode notar, a abordagem de Blakemore (1987, 2002) manifesta claramente a posição de caracterizar MDs como itens de estatuto subsidiário. Isso é evidenciado pela

própria terminologia da abordagem, que considera MDs como elementos que codificam *significado processual* (em oposição aos elementos de *significado conceitual*), e pela compreensão de que o significado processual diz respeito a *informações sobre como manipular o significado conceitual*, o que quer dizer que o *significado processual* e, portanto, os MDs são subsidiários em relação ao *significado conceitual*.

A noção de que os MDs explicitam significações implícitas também se mostra presente na abordagem de Blakemore (1987, 2002), principalmente pela natureza conectiva dos MDs. Como dissemos, a autora trata MDs como itens que codificam significados processuais *relacionais*. Em alguns trabalhos, a autora adota, inclusive, o termo *conectivos discursivos* (*discourse connectives*), em vez de MDs. Além disso, os próprios itens tratados como MDs acusam a natureza conectiva da categoria. Dentre as principais expressões analisadas por Blakemore, assim como por outros autores da Teoria da Relevância, como Rouchota (1996), incluem-se *after all* [*afinal*], *but* [*mas*], *however* [*porém*], *moreover* [*além disso*], *nevertheless* [*no entanto*], *so* [*então*], *still* [*ainda*], *therefore* [*portanto*] etc.

Blakemore (2002) explica que os MDs indicam a rota inferencial junto à qual uma nova informação deve ser interpretada. Por exemplo, a sequência de enunciados “Bem pode abrir o cofre de Tom, ele sabe a senha” abriria espaço, a princípio, para uma interpretação em que o primeiro enunciado é tomado como premissa e o segundo como conclusão, assim como para uma interpretação que pressupõe a relação inversa. Sem o uso de um MD entre os dois enunciados, o ouvinte calcularia, pelo contexto, qual dessas interpretações seria a relevante. Por outro lado, seguindo a concepção da autora, o uso, por exemplo, do MD *portanto* ou o uso do MD *afinal* indicariam em qual dessas rotas inferenciais os enunciados deveriam ser interpretados, reduzindo, pois, o esforço de processamento cognitivo do ouvinte. A esse respeito, a abordagem de Blakemore considera que os MDs *impõem restrições sobre contextos inferenciais potenciais*, tendo, assim, justamente, o efeito de facilitar o processamento dos enunciados para os interlocutores.

A abordagem de Fischer

A abordagem de Fischer (2000, 2006b) é desenvolvida na área da Análise da Conversação (SACKS, SCHEGLOFF & JEFFERSON, 1974). A autora adota o termo *partículas discursivas* (PDs), definindo-as como itens independentes, lexicalizados,

idiomáticos e com significados elementares invariantes que consistem em manifestações de processos mentais em curso e que são contextualmente especificados mediante referência a determinados domínios comunicativos (ou planos de referência) vinculados ao processo de interação conversacional.

Um dos aspectos principais da abordagem de Fischer (2000, 2006b) é a conceituação de PDs como itens cujos significados consistem, como acabamos de dizer, em *manifestações de processos mentais em curso*; em outros termos, as PDs são entendidas como itens que revelam alguns detalhes do que o falante está pensando a respeito da construção de seu texto. A autora distingue três principais classes de PDs de acordo com o tipo de processo mental que sinalizam:

- (i) Interjeições: expõem o reconhecimento súbito de algum tipo de informação; ex.: *oh* [ah], *ah* [ah], *oops* [opa];
- (ii) Marcadores de Hesitação: indicam um processo mental em andamento; ex.: *uh* [ahn], *um* [uhm];
- (iii) Marcadores de Segmentação, divididos em dois tipos:
 - (i) marcadores cujo significado diretamente envolve o parceiro da comunicação; ex.: *yes* [sim], *okay* [okay];
 - (ii) marcadores que afirmam o resultado de um processo cognitivo; ex.: *well* [bem].

O item *oh*, em (12), exemplifica uma PD da classe das Interjeições.

- (12) A: either Tuesday afternoon or Wednesday afternoon. what do you think.
B: *oh* Wednesday afternoon sounds good (FISCHER, 2006b, p. 443).

Tradução: A: ou terça-feira à tarde ou quarta-feira à tarde. o que você acha. B: ah quarta à tarde parece bom (tradução nossa).

De acordo com Fischer (2000, 2006b), o significado do item *oh*, em (12), consiste no reconhecimento de algo que não tinha sido pensado antes, sendo descrito pela autora como “Eu agora sei algo em que não tinha pensado antes e eu sinto algo por causa disso”.

O item *hmm*, em (13), ilustra uma PD da classe dos Marcadores de Hesitação. Nesse caso, a autora descreve o significado do item *hmm* como “Estou pensando”.

(13) A: well, I have a meeting from, ten am until eleven pm, other than that I'm free. so, when are you free?

B: *hmm* upon looking at my calendar, it looks like uh, that day may not work out so well after all. um when did you say you were free on Thursday? (FISCHER, 2006b, p. 443).

Tradução: A: bem, eu tenho uma reunião das dez às onze horas, nos outros horários estou livre. então, quando você está livre? B: eh olhando no meu calendário, parece que ahn, esse dia não vai dar muito certo. uhn quando você disse que está livre na quinta? (tradução nossa).

Já o item *well*, em (14), é um exemplo de uma PD da classe dos Marcadores de Segmentação. Para a autora, o item assume o seguinte significado: “Depois de pensar sobre tudo o que eu sei a respeito, eu digo o seguinte”.

(14) A: the only day that's good for me next week would be Wednesday the third. ah sometime after twelve. between twelve and five.

B: *well* I do have some time late Wednesday afternoon (FISCHER, 2006b, p. 444).

Tradução: A: o único dia que seria bom para mim na próxima semana seria quarta dia 3. ah algum horário depois das 12h. entre 12h e 17h. B: bem eu tenho mesmo um tempo no final da tarde na quarta-feira (tradução nossa).

Assim como na abordagem de Blakemore (1987, 2002), também em Fischer (2000, 2006b) é possível identificar o tratamento de MDs (mais exatamente de PDs) como elementos com algum tipo de estatuto subsidiário. A mensagem veiculada por uma PD não é vista, em si, como o foco comunicativo do falante; na verdade, uma PD veicula uma informação a respeito do processo mental de elaboração de outra informação que, esta sim, é o foco do que o falante está comunicando. Isso é bastante evidente, por exemplo, no uso de *oh* em (12) acima. Nesse caso, o interlocutor A dirige ao interlocutor B uma pergunta sobre o melhor dia/horário para agendarem um compromisso, levantando as opções de “terça-feira à tarde” ou “quarta-feira à tarde”. Dessa forma, de todo o segmento de resposta proferido pelo interlocutor B, o foco, de acordo com a perspectiva de Fischer, recai sobre o enunciado “quarta à tarde parece bom”, que diretamente contém a resposta de B, sendo que o item *oh* “apenas” indica uma

informação processual de como o interlocutor B chegou a essa resposta, no caso, a informação de que essa resposta havia acabado de ser pensada.

Nesse sentido, a noção de considerar as PDs como elementos a serviço de alguma outra coisa é evidenciada pelo fato de Fischer (2006b) conceber a classe das PDs como uma instância das chamadas *pistas de contextualização* (*contextualization cues*). Para a autora, as percepções que os falantes vão tendo de uma situação de interação exercem influência decisiva nos sentidos dos enunciados e, assim, precisam ir sendo indicadas aos ouvintes de modo a oferecer a estes informações necessárias para a interpretação do texto. Como exemplo, considere-se novamente o diálogo em (12), em que B formula o segmento “ah quarta à tarde parece bom”, como resposta para uma pergunta anterior sobre o melhor dia/horário de uma reunião. De acordo com Fischer, para a interpretação apropriada da resposta de B, não bastaria a informação expressa no enunciado “quarta à tarde parece bom”; seria necessária também a informação – referente à percepção de B sobre a dinâmica da interação – de que tal resposta acabara de ser pensada, informação expressa pela PD *ah*. Conforme explica a autora, os elementos linguísticos que indicam essas percepções dos falantes constituem as chamadas *pistas de contextualização*, e as PDs são incluídas nessa categoria, o que indica o entendimento das PDs como elementos a serviço de alguma outra coisa. Observe-se que o próprio termo *pistas*, no sentido comum de algo usado para se chegar a alguma outra coisa mais importante, já indica o estatuto subsidiário das PDs.

A abordagem de Fischer (2000, 2006b) também pode ser entendida, a nosso ver, como pressupondo a noção de que as PDs são elementos que explicitam significados implícitos. Isso pode ser assumido levando-se em consideração o tipo de significado veiculado pelas PDs, isto é, significado referente às percepções dos falantes sobre a interação verbal. Ora, os falantes têm naturalmente suas percepções sobre a situação de interação ao longo de todo o texto que estão construindo, em relação a cada enunciado. Porém as PDs não são produzidas a cada novo enunciado, sendo fornecidas apenas espaçadamente ao longo da interação. Nos vários momentos em que elas não são oferecidas, os ouvintes devem recorrer aos próprios significados dos enunciados e a outras pistas contextuais para interpretar o texto adequadamente, de modo que, quando ocorrem, as PDs assumem exatamente a função de explicitar as percepções dos falantes e, assim, facilitar o trabalho dos ouvintes no processo de interpretação textual.

A abordagem de Risso, Silva & Urbano

A abordagem de Risso, Silva & Urbano (2002, 2006) é desenvolvida na área da Linguística Textual (KOCH, 2004), particularmente no âmbito da sua vertente conhecida como Gramática Textual-Interativa (JUBRAN & KOCH, 2006). A Gramática Textual-Interativa constitui um quadro teórico-metodológico que assume o texto como objeto de estudo, focalizando, em particular, os chamados *processos de construção textual*. Trata-se, essencialmente, dos processos de Organização Tópica, Referenciação, Parentetização, Parafraseamento, Correção e Repetição. Nesse contexto, são também estudados os MDs, os quais são entendidos como uma classe formada por expressões linguísticas que atuam na articulação ou no gerenciamento interacional desses processos de construção textual.

Risso, Silva & Urbano (2002, 2006) concebem os MDs como uma classe gradiente, isto é, uma classe composta por elementos prototípicos e elementos não-prototípicos. Nesse sentido, MDs prototípicos são definidos como expressões que manifestam a combinação de traços apresentada abaixo em (15), enquanto MDs não-prototípicos são definidos como expressões que manifestam essa combinação com algum desvio, o qual, de modo geral, não ultrapassa dois traços.³

- (15) a) ser sequenciador tópico e secundariamente (ou fragilmente) orientador da interação; ou ser não-sequenciador e basicamente orientador da interação;
b) ser sintaticamente independente;
c) ser exterior ao conteúdo proposicional;
d) ser comunicativamente não-autônomo;
e) apresentar pauta demarcativa;
f) apresentar alta frequência;
g) apresentar transparência semântica parcial;
h) conter até três sílabas tônicas.

São distinguidos dois tipos principais de MDs, os *MDs basicamente sequenciadores* (que apresentam o traço *sequenciador tópico*) e os *MDs basicamente interacionais* (que apresentam o traço *basicamente orientador*). Os exemplos em (5) e (6) acima, repetidos em (16) e (17), ilustram, respectivamente, esses dois tipos de MDs.

³ No conjunto de traços sintetizado em (15), seguindo Penhavel & Guerra (2011), não incluímos os traços referentes à apresentação formal dos MDs (“apresentar forma única ou variável”), por considerarmos que esses traços não são relevantes em termos definicionais.

- (16) mas acho válido você botar a criança o mais cedo possível na escola ... esse problema de puxar pela criança -- “Ah ... não deve puxar pela criança” -- eu acho que isso não funciona muito ... porque a criança vai a maternal somente pra brincar ... ser educada ... aprender a fazer coisas que em casa a mãe às vezes ... não tem condições de ensinar -- como eu ... eu não tinha condições de ensinar muita coisa a ela ... porque eu m/ passo o dia inteiro na rua trabalhando -- então ... ela na escola aprendeu muita coisa que eu não tive condições de ensinar a ela: ... aprendeu a comer não é ... sozinha porque eu ainda dava comida na boca ... aprendeu a fazer xixi dela no sanitário ... que ela não fazia ... fazia na fralda ... *então* ... eu acho válido botar a criança o mais cedo possível na escola (RISSO, 2006, p. 460).
- (17) A: agora em dois dias da semana ... eu levo à faculdade também ... *não é?*
 B: [*ahn ahn*
 A: e:: depois volto para casa (URBANO, 2006, p. 500).

De acordo com a Gramática Textual-interativa, o trecho em (16) constitui uma unidade de organização textual chamada de *segmento tópico*, isto é, um grupo de enunciados formulados a respeito de um conjunto de referentes concernentes entre si e em relevância num determinado ponto do texto; no caso, trata-se de um segmento construído em torno do tópico “Matricular a criança cedo na escola”. Nesse caso, o item *então* contribui para indicar que o enunciado seguinte constitui o fechamento da unidade tópica; como explica Risso (2006), o item assume a função de retroagir para toda a extensão anterior do segmento, sinalizando, na sequência, um fecho que se estabelece pela confirmação de um ponto de vista já firmado pelo interlocutor.

As expressões *não é?* e *ahn ahn*, em (17), focalizam o processo de orientação da interação. A primeira assume a função de Checagem, que compreende a formulação de perguntas retóricas a respeito da concordância do ouvinte com o que é enunciado pelo falante, com vistas à obtenção da aprovação do ouvinte para o prosseguimento do discurso. Por sua vez, a expressão *ahn ahn* assume a função de Retroalimentação, que consiste justamente no fornecimento, por parte do ouvinte, de expressões que indicam seu engajamento interacional com o falante e o consentimento para que este dê andamento ao discurso.

A exemplo das duas abordagens anteriores, a perspectiva de Risso, Silva & Urbano (2002, 2006) também adota a propriedade de estatuto subsidiário na caracterização de MDs. Essa adoção é feita, inclusive, de forma explícita, por meio da seleção do traço “ser comunicativamente não-autônomo” na definição de MDs prototípicos. No caso de MDs basicamente sequenciadores, o que se toma como MDs são expressões usadas a serviço de

conjuntos de enunciados com algum papel nos processos de construção textual, por exemplo, expressões usadas para indicar o estatuto tópico (como *abertura* ou *fechamento*) de um conjunto de enunciados dentro de um *segmento tópico*. De modo similar, os MDs basicamente interacionais indicam ou solicitam informações sobre a percepção interacional dos interlocutores em relação a *outros* enunciados no decorrer da interação verbal.

É preciso considerar aqui que a abordagem de Risso, Silva & Urbano (2002, 2006) prevê a possibilidade de ocorrência de MDs (não-prototípicos) que não apresentem o traço “ser comunicativamente não-autônomo”, isto é, a ocorrência de MDs comunicativamente autônomos. Isso configura um caso de admissão, por parte da abordagem, de um MD que não apresentaria a propriedade essencial, aqui delineada, de estatuto subsidiário. A esse respeito, convém salientar que, de fato, ao postularmos uma noção elementar de MDs, admitimos naturalmente, conforme dito acima, a existência de tipos “desviantes” de MDs e até mesmo a existência de abordagens que “fujam da regra geral”.

De qualquer forma, é preciso observar que, quando uma expressão linguística não apresenta o traço prototípico “ser comunicativamente não-autônomo”, geralmente essa expressão também deixa de apresentar outros traços prototípicos, de modo que, apenas muito raramente, um item é capaz de ser comunicativamente autônomo e ainda chegar a ser MD. Esse fato juntamente com a consideração do traço “ser comunicativamente não-autônomo” como traço *prototípico* evidenciam, na abordagem textual-interativa, a postura (senão decisiva, pelo menos muito influente) de tratar como MDs elementos comunicativamente não-autônomos e, portanto, de estatuto subsidiário.

Finalmente, a ideia de que os MDs explicitam significados implícitos também se faz presente na abordagem de Risso, Silva & Urbano (2002, 2006). MDs basicamente sequenciadores atuam, por exemplo, no processo de organização tópica do texto. Tal processo inclui, dentre outras coisas, a estruturação do texto em partes e subpartes tópicas, como *abertura*, *desenvolvimento* e *fechamento*. Conforme pode ser detectado na concepção dos autores, o ouvinte precisa captar essa estruturação para ser capaz de (re)construir adequadamente o sentido dos enunciados e do texto como um todo; isto é, para interpretar com sucesso um enunciado, é preciso perceber se ele integra a *abertura*, o *desenvolvimento* ou *fechamento* do texto (ou de alguma (sub)unidade textual). Contudo, nem sempre a organização tópica é marcada por MDs, podendo ser depreendida por meio de outros recursos. Em (16), uma estratégia de Repetição contribui para distinguir *abertura*, *desenvolvimento* e *fechamento* de um segmento tópico – observe-se que o *fechamento* (“então ... eu acho válido

botar a criança o mais cedo possível na escola”) constitui uma repetição quase exata da *abertura* do segmento (“mas acho válido você botar a criança o mais cedo possível na escola”). Dessa forma, usar MDs sequenciadores em algumas das (sub)partes da estruturação tópica de um texto teria justamente a função de explicitar parte dessa estruturação tópica e, assim, facilitar seu reconhecimento (pelo ouvinte) e sua indicação (pelo falante).

No mesmo sentido, também os MDs basicamente interacionais podem ser vistos como elementos que explicitam certos significados. Essa classe de MDs agrega, entre outras, as seguintes subclasses: (i) MDs de Checagem, ligados à solicitação retórica, por parte do falante, da aprovação do ouvinte para o prosseguimento da interação (como os itens *né?*, *sabe?*, *tá certo?*); (ii) MDs de Retroalimentação, vinculados ao fornecimento, por parte do ouvinte, dessa aprovação (por exemplo, os itens *uhm...*, *anh ahn...*, *sei...*); (iii) MDs de Injunção e Iniciação, que manifestam predisposição favorável ao jogo interacional (como no caso de expressões que iniciam respostas, como *Veja bem...*, *Olha...*, *Bom...*). No transcorrer de uma interação verbal, esses tipos de significações interacionais precisam e podem ir sendo captadas pelos interlocutores mesmo sem o uso de MDs. Por exemplo, o fato de um interlocutor responder a uma pergunta já manifesta certa predisposição favorável à interação, mesmo sem o uso de um iniciador como *Bom...*; a aprovação discursiva do ouvinte não implica, necessariamente, o uso de uma expressão de Retroalimentação, podendo ser indicada e apreendida por meio de recursos gestuais por exemplo. Nesse sentido, a ocorrência espaçada de MDs interacionais assume justamente o papel de explicitar significações interacionais e, assim, facilitar a indicação e a apreensão dessas significações pelos interlocutores.

Considerações finais

Neste trabalho, assumimos que diferentes abordagens compartilham a noção de tratar como MDs expressões linguísticas que *facilitam o processamento do discurso* e procuramos mostrar como essa noção manifesta-se em três abordagens específicas. Nosso entendimento é que cada abordagem (não só as três aqui discutidas, mas todas as demais que mantêm essa noção comum) seleciona como MDs elementos que facilitam *um tipo particular* de processamento do discurso, definido de acordo com o quadro teórico-metodológico em que a abordagem está inserida.

Nesse sentido, a abordagem de Blakemore (1987, 2002), inserida no quadro da Teoria da Relevância, focaliza o processamento da significação semântico-pragmática dos enunciados, elegendo como MDs elementos que facilitam esse tipo de processamento, isto é, elementos que *indicam rotas inferenciais e significados de enunciados*. A abordagem de Fischer (2000, 2006b), desenvolvida no interior da Análise da Conversação, volta-se para o processamento das significações diretamente vinculadas à situação de intercâmbio conversacional e, assim, define MDs (ou PDs) como aqueles itens que *signalizam percepções contextuais* dos interlocutores sobre a dinâmica interacional. A abordagem de Risso, Silva & Urbano (2002, 2006), filiada à Gramática Textual-interativa, concentra-se no processamento textual-interativo do discurso, considerando como MDs expressões que *indicam o estatuto de conjuntos de enunciados no processo de construção do texto* e que *codificam orientações interacionais* dos interlocutores relativas a esse processo.

Cabe salientar que a noção comum de *facilitar o processamento do discurso*, aqui formulada, constitui um traço genérico e abstrato, não podendo/devendo ser tomado como uma definição operacional de MDs, passível de ser adotada em pesquisas linguísticas (nem é essa a proposta do presente trabalho). Conforme concebemos, trata-se de uma noção que é particularizada e concretizada por diferentes abordagens de acordo com as especificidades de seus respectivos quadros teórico-metodológicos. Inevitavelmente, qualquer pesquisador que queira trabalhar com MDs, ou simplesmente referir-se a essa categoria, terá que selecionar uma definição específica de alguma abordagem. Isso, porém, a nosso ver, não invalida, de forma nenhuma, discussões sobre traços comuns a diferentes abordagens, já que esse tipo de reflexão, dentre outros benefícios, pode contribuir justamente para esclarecer abordagens específicas de MDs e, inclusive, para embasar sugestões de reajustes, ampliações e redefinições dessas abordagens.

Referências

- BLAKEMORE, D. *Semantic constraints on relevance*. Oxford: Blackwell, 1987.
- _____. *Relevance and Linguistic Meaning: the Semantics and Pragmatics of Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- FISCHER, K. Discourse Particles, Turn-taking, and the Semantics-Pragmatics Interface. *Revue de Sémantique et Pragmatique*, v. 8, p. 111-137, 2000.

_____. Towards an understanding of the spectrum of approaches to discourse particles: introduction to the volume. In: _____. (Org.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006a. p. 1-20.

_____. Frames, constructions and invariant meanings: the functional polysemy of discourse particles. In: _____. (Org.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006b. p. 427-447.

FRANK-JOB, B. A dynamic-interactional approach to discourse markers. In: FISCHER, K. (Org.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 359-374.

FRASER, B. Towards a theory of Discourse Markers. In: FISCHER, K. (Org.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 189-204.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

_____. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PENHAVEL, E. *Marcadores Discursivos e Articulação Tópica*. 2010. 168f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PENHAVEL, E.; GUERRA, A. R. Considerações sobre a variável “apresentação formal” na caracterização de Marcadores Discursivos da Gramática Textual-interativa. *Revista Acta Científica* (Patos de Minas), v. 3, n. 3, p. 283-296, 2011.

RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente seqüenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 427-496.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores Discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do Português Falado – v.VI: Desenvolvimentos*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 2002. p. 21-94.

_____. Traços definidores dos Marcadores Discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 403-425.

ROUCHOTA, W. Discourse connectives: What do they link? *UCL Working Papers in Linguistics*, v. 8, p. 199-212, 1996.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: Communication and Cognition*. Oxford: Blackwell, 1986.

URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 497-527.